

JURACI MARIA SFREDDO

**O USO DO TÁLIAN COM BASE EM QUATRO
GERAÇÕES DE UMA FAMÍLIA ÍTALO-BRASILEIRA DE CHAPECÓ:
SITUAÇÃO DE CONTATO LINGÜÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para a aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

21/03/18

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Cristiane Horst (orientadora e presidente de banca)



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (membro interno - UFFS)



Profa. Me. Elena Wending Ruscheinsky (membro externo – IFSC São Carlos)

Profa. Dr. Claudia Camila Lara (membro suplente - UFFS)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL

JURACI MARIA SFREDDO

**O USO DO *TALIAN* COM BASE EM QUATRO
GERAÇÕES DE UMA FAMÍLIA ÍTALO-BRASILEIRA DE CHAPECÓ:
SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO**

CHAPECÓ

2018

JURACI MARIA SFREDDO

**O USO DO *TALIAN* COM BASE EM QUATRO
GERAÇÕES DE UMA FAMÍLIA ÍTALO-BRASILEIRA DE CHAPECÓ:
SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para a aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: prof. Dra. Cristiane Horst

CHAPECÓ

2018

**O USO DO *TALIAN* COM BASE EM QUATRO
GERAÇÕES DE UMA FAMÍLIA ÍTALO-BRASILEIRA DE CHAPECÓ:
SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO¹**

Juraci Maria Sfreddo²
juracisfreddo@gmail.com

Resumo

Neste trabalho analisamos o uso do *talian* com base em quatro gerações de uma família ítalo-brasileira, no oeste de Santa Catarina (SC) situação de contato linguístico. Utilizamos como base os seguintes e estudiosos e teóricos Mackey (1972), Thun (1996) (2005) Altenhofen (2002) (2004), Campos (2006), Horst e Krug (2012). Krug (2013), Krug, Horst e Wepik (2016) Wolschick (2016) Wepik (2016). Esta pesquisa é de grande importância para desconstruir os discursos preconceituosos vinculados ao uso do *Talian*, visto muitas vezes como uma língua pejorativa, devido a esse preconceito linguístico, a língua infelizmente está sendo silenciada aos poucos principalmente pelas gerações mais jovens. Desta forma, nosso objetivo é inferir o nível de bilinguismo dos indivíduos de uma família ítalo-brasileira de diferentes gerações com base nas características elencadas por Mackey (1972) no grau, função, alternância e interferência do uso do *Talian* em contato com o Português. Para a realização deste trabalho na cidade de Chapecó, localizada no Oeste de SC, utilizaremos os dados do projeto ALCF. Desta forma, em primeiro lugar será feita a descrição dos dados com base nas dimensões diageracional (entre as gerações novas e velhas), e diafásica (leitura, conversas livres, respostas). A análise realizada nos mostra grandes diferenças nas relações entre as gerações vinculadas ao grau do bilinguismo e a alternância que existe nas duas primeiras gerações, não se manifestando nas duas últimas. Devido a fatores políticos e sociais, a língua materna dos indivíduos das duas últimas gerações é a língua portuguesa.

Palavras-chave: Bilinguismo. Diversidade. Contato português rio-grandense - *talian*. Dimensão diageracional.

¹Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Prof. Dra. Cristiane Horst.

²Acadêmica da 8ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

INTRODUÇÃO

Com o presente artigo, apresentaremos o resultado da pesquisa realizada quanto aos aspectos do bilinguismo, considerando o uso do *Talian*-português rio-grandense³, com base de quatro gerações de uma família ítalo-brasileira de Chapecó-SC.

O objetivo do estudo é descrever e analisar as crenças linguísticas e a manutenção ou substituição linguística do uso e a permanência do *Talian*, com base na aplicação dos termos de parentescos na fala do pai, filho, neto e bisneto, verificando o comportamento linguístico na prática do dia a dia dos informantes.

Trata-se de um trabalho qualitativo pela dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1996, 2005). Com aplicação de questionário, a partir dos dados coletados, inferiu-se que a medida ou nível dos indivíduos são bilíngues, pelas características apresentadas por Mackey (1972) com base no grau, na função, na alternância e na interferência que ocorre no contato e uso do *Talian* com o Pt-RS.

Os informantes foram selecionados com base no modelo em cruz, desenvolvido por Thun (2005), porém adaptado para o presente estudo. Na dimensão diageracional teremos a CbGIV (representada pelo avô, com 87 anos), a CaGIII (representada pelo filho, com 58 anos), a CaGII (representada pelo neto, com 28 anos) e a CaGI (representada pelo bisneto, 19 anos). Já pela dimensão diastrática selecionamos a classe alta (Ca). No entanto, o avô não cursou Ensino Superior, por não ter acesso enquanto jovem e não era oferecido na região onde residia. No que se refere à dimensão diagenérica, entrevistamos somente indivíduos do sexo masculino (M), por não termos na quarta geração pessoas do sexo feminino, em que nosso objetivo é ter uma sequência das quatro gerações na família com o mesmo sexo.

Como dito anteriormente, buscamos verificar se o uso do *Talian* pelos informantes ocorre no contexto familiar, ou seja, somente em reuniões de família, lazer e diálogos, ou também no contexto social em que estão inseridos.

Ademais, será possível perceber em quais gerações ocorre com mais frequência o uso do *Talian* e se esta geração o utiliza no contexto familiar ou não e por que. Do mesmo modo, buscaremos saber se as gerações mais novas usam o *Talian* e em que contexto o fazem e quais

³*Talian* em o contato do Português - Rio-grandense – Pt - RS

as concepções e os preconceitos linguísticos no uso do dialeto nas quatro gerações entrevistadas e que importância os quatro informantes dão para o uso do mesmo e sua manutenção no núcleo familiar.

Como pressuposto em relação à importância do *Talian*, buscaremos desmistificar os discursos negativos do bilinguismo entre famílias de descendência italiana na cidade de Chapecó – SC, quanto aos níveis de inferência do bilinguismo. Além disso, perceber que as variedades da língua minoritária *Talian* foram e ainda estão sendo estigmatizadas em nosso país. Isso ocorre devido a muitos fatores políticos e sociais, e de como a sociedade observa esta língua, sendo ela considerada uma língua sem prestígio algum e errada, afetando, assim, os falantes que passam para as novas gerações.

Como base teórica e metodológica, tomamos com as pesquisas Mackey (1972), Thun (1996) (2005), Altenhofen (2002) (2004), Krug (2013), Krug, Horst e Wepik (2016), Wolschick (2016), Wepik (2016), Horst e Krug (2012), com os conceitos de bilinguismo, língua materna, da dialetologia pluridimensional, das línguas em contato a partir dos quais podemos analisar o uso do *Talian* em Chapecó, quanto ao grau, função, alternância e interferência do bilinguismo nas famílias dos informantes.

Assim, como objetivos específicos, baseados em três dimensões previstas pela dialetologia pluridimensional, a pesquisa levantará dados nas seguintes dimensões:

- a) Diageracional: verificar até que ponto é mantido o *Talian* aprendido na imersão da família e passado aos descendentes;
- b) Diafásica: descrever o uso do *Talian* nas habilidades de ler, escrever, compreender e falar.

Conforme Horst (2011), Horst e Krug (2012), Krug, Horst e Wepik (2016), na região de Chapecó-SC, o *Talian* é e foi, para muitas pessoas, a língua materna, porém com o passar do tempo, muitos pais deixaram de ensinar a seus filhos esse idioma. Culturalmente, essa variedade foi, muitas vezes, vista como negativa, predominando um quadro de exclusão e desprezo em relação à língua desses imigrantes que foram obrigados a falar somente a língua majoritária, mantendo a variedade minoritária apenas nos grupos familiares, nas pequenas comunidades e normalmente não passando a variedade para o domínio familiar de seus descendentes, devido ao fato desta variedade ser estigmatizada.

Nossa proposta é desconstruir a imagem do *Talian* como língua materna minoritária desprestigiada, o que pode motivar os pais a não ensinar essa variedade como língua materna

a seus filhos, por não estar mais presente na comunicação e nas atitudes diárias dessas famílias, fluindo com espontaneidade o português rio-grandense.

Os fatores que me motivam a realizar a presente pesquisa sobre o uso do *Talian* no núcleo familiar é o desejo de conhecer as raízes e os encantamentos históricos e culturais que o *Talian* apresenta nas relações que ainda existem nos momentos íntimos dos familiares, bem como a esperança de poder contribuir para que o uso da variedade *Talian* continue vivo em nosso meio social, com o mesmo prestígio que outras línguas e culturas possuem em nosso país. O estudo se mostra importante no meio acadêmico devido à insuficiência de pesquisa nesta área das variedades linguísticas. O contato *Talian* português rio-grandense é que está sendo pesquisado, com a intenção de descrever e analisar as crenças e atitudes linguísticas.

Conforme anotações no caderno de campo, a partir de conversas feitas com os informantes, com a chegada dos descendentes de imigrantes italianos no oeste catarinense, muitas mudanças começaram a ocorrer, com destaque para o uso da língua falada por este grupo que, por não ser a mais prestigiada nem a língua oficial do Brasil, precisou ser substituída progressivamente pelo português.

Esses contatos fizeram com que se criasse um sentimento de inferioridade, medo e insegurança, pois os ítalo-brasileiros se sentiam vigiados, pressionados e coagidos a mudar a língua materna no contexto familiar, social e escolar, substituindo-a pela língua portuguesa. O objetivo era o de cumprir leis impostas pelo governo de Getúlio Vargas na época em que a ditadura militar exigiu o ensino exclusivo da língua portuguesa, silenciando a variedade linguística e a identidade dos imigrantes descendentes do alemão e do italiano que aqui chegaram. Esta opressão expressava atitudes discriminatórias quanto a variedade não padrão do Português Rio-Grandense. Desta forma, os imigrantes foram “coagidos” a aprender o idioma português e forçados a seguir a marcha do sistema político vigente. Conforme Campos (2006, p.10), governantes e seus representantes reprovavam práticas de núcleos associativos que insistiam em falar uma língua estrangeira. Enfatizavam a necessidade do empenho das autoridades e população para que tais núcleos modificassem sua prática e adotassem a língua nacional. Apesar da proibição governamental da língua materna, os imigrantes ainda estavam ligados social, cultural e emocionalmente às origens de seu país, tendo assim, dificuldades de expressar seus sentimentos e emoções nas atividades diárias com a língua portuguesa.

Esses fatos desencadearam ameaças e a proibição dos imigrantes de falarem a língua minoritária, afirmando que essa seria a solução para os problemas de aprendizagem do português, garantindo a língua franca. A nacionalização do ensino foi uma fase dolorosa vivida pelos descendentes italianos, pois negar os costumes e as tradições culturais no convívio social e familiar, muito lhes custou. Através do domínio e controle do Estado essas pessoas tiveram que deixar de lado seu idioma materno e se “adaptar” ao uso exclusivo do Português Rio-Grandense como idioma, se assim não o fizessem poderiam sofrer repressões. Conforme Altenhofen (2004, p. 84),

O auge dessa política repressiva é atingido com a política de nacionalização do ensino implantada a partir de 1938 pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que levou ao fechamento de escolas e à proibição do uso das línguas dos imigrantes, principalmente alemão e o italiano.

Portanto, faz-se necessário atualizar estudos, pesquisas e estratégias para constatar as marcas da forte ideologia que permanece nas políticas educacionais, nas práticas pedagógicas repressivas das escolas e nas redes sociais de que o Brasil ainda é considerado um país que fala uma única língua, segundo nos postula Altenhofen (2004).

1 BILINGUISMO

O Bilinguismo foi considerado por muito tempo apenas como domínio igual de duas línguas. No entanto, a partir de estudos empíricos, as estatísticas mudaram e o bilinguismo passou a ser definido segundo Mackey (1972), que basta o indivíduo ter conhecimento em uma ou mais habilidades (ler, escrever, falar e ouvir) e ter a capacidades de usá-las no meio onde vive. Ainda Mackey (1972, p. 555) afirma que a ampliação do conceito de bilinguismo se deve ao fato de que se torna impossível determinar em que habilidade o falante é bilíngue.

Segundo Altenhofen (2002, p. 145) citando Mackey (1972), e Titone (1993), não devemos tomar o bilinguismo como um conceito fechado, absoluto e acabado e sim como um conceito relativo. Não importando saber se um indivíduo é bilíngue dentro de suas concepções linguísticas, mas determinar em que medida este sujeito é bilíngue. Os autores afirmam as dificuldades em definir os critérios para medir o ponto exato de ambas as línguas, mas os mesmos salientam que precisamos conceituar e diferenciar a visão popular e a visão científica do que é a língua materna, reestruturar ideias e conceitos do grau do bilinguismo. Esse pode

variar na duração, na frequência e na intensidade de acordo com os espaços de contatos onde as línguas são adquiridas: casa, comunidade, escola, meios de comunicação. Sendo assim, conforme Mackey (1972), ser bilíngue é algo relativo que envolve o grau, a função, a alternância e a interferência, dependendo do uso das funções externas e internas da língua.

Segundo Mackey (1972, p. 556), os níveis podem variar de bilíngue para bilíngue. Assim, o domínio do bilinguismo varia em todas as habilidades e em cada indivíduo, não possuindo o mesmo nível nas competências linguísticas como: pronúncia, vocabulário, compreensão, expressão, leitura, escrita, gramática, semântica etc. Segundo esse autor, “As pessoas que se tornam bilíngues na infância podem ter proficiência e uso diferentes daqueles que se tornam bilíngues quando adultos” (p. 566). O texto propõe informações que motivam o indivíduo a aprender uma nova língua desde os primeiros anos de idade, pois as áreas da fala e a capacidade de aprender são maiores e as crianças possuem maior capacidade de transferir rapidamente uma língua materna para outra em questão de alguns meses. Conforme afirma o autor “O cérebro da criança parece praticamente adequado à aprendizagem de línguas,” (1972 p. 566). Ao tornar-se adulto, com o passar do tempo, a mente e as capacidades de aprender se tornam rígidas, diminuindo e dificultando a aprendizagem de um novo idioma e as dificuldades de tornar-se bilíngue para o adulto são maiores. Sabendo-se que os fatores de aptidão também interferem na incorporação de outra língua e podem mudar de acordo com o sexo, idade, inteligência, memória, atitude linguística e motivação. Além disso, Mackey (1972, p.565), afirma que “O bilinguismo de uma pessoa se reflete nos usos internos de cada uma de suas línguas. [...] Alguns contam em uma língua e rezam em outra”. O indivíduo bilíngue busca estratégias na memória para fazer a interferência em outras línguas, emprestando palavras de outros idiomas, para fazer conexões e associações do conhecimento prévio para entender e aprender outro idioma.

O bilinguismo como fenômeno de conflito cultural e pedagógico deve ir além da ciência linguística, pois a mesma tem se interessado em explicar apenas as mudanças em uma língua. O sujeito bilíngue pode e deve se comunicar em sua língua materna sem sofrer prejuízos. “Alguns bilíngues alemão – português, brasileiros nascidos no Brasil, teriam sido repreendidos por terem dito que sua língua materna era o alemão” (ALTENHOFEN, 2002, p. 148). No entanto, para que isso não ocorra é necessário que se estabeleçam políticas

linguísticas que deem suporte para que a língua materna desse indivíduo seja respeitada e mantida em suas futuras gerações.

2 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Conforme o início da história da dialetologia, já se pensava na universalidade e nas variedades dos idiomas e também nas grandes diferenças linguísticas manifestadas na fala do povo. Através do modelo monodimensional apontado pelos Atlas da geografia linguística, mostra o surgimento dialetológico da pluridimensionalidade de línguas dialetais.

Thun (2005, p. 64) afirma que os reflexos da separação entre a dialetologia e a sociolinguística na geolinguística-românica são vistos ainda hoje. O autor afirma que direta ou indiretamente não nos faltam apelos à pluridimensionalidade para abandonar o caminho da monodimensionalidade e avançarmos em estudos e programas que possam realizar progressos no reconhecimento das diversidades e variações linguísticas.

As pesquisas, para comprovar dados no quadro linguístico, são feitas por um conjunto de dimensões diatópica – geográfica, diastrática – classe social, diageracional – faixa etária, gerações, diagenérica – gênero, dialingual – contato linguístico, diafásica – variações por meio do grau de formalidade da língua, diassexual – sexo, homem/mulher. Os registros das representações e das comprovações dos dados levantados são feitos através de atlas linguísticos.

3 ASPECTOS DA LÍNGUA MATERNA

Altenhofen (2002, p. 142) conceitua como língua materna do bilíngue aquela aprendida desde cedo no lar, por meio da imersão no convívio diário. Ela é transmitida pela afetividade no seio familiar sem a necessidade de estudo formal para aprendê-la. É de fundamental importância, pois, releva a identidade nos aspectos linguísticos, históricos, sociais, políticos, educacionais e psicológicos.

Conforme Altenhofen (2002, p. 146-148), as novas definições sobre o conceito de língua materna estão no dicionário Houaiss, onde se apresenta língua materna não somente como língua nativa ou língua do país natal, como era concebido antigamente, mas como a primeira língua que uma pessoa aprende na infância, que pode ser ensinada pela mãe como também pelo pai.

O interessante nem sempre é saber quem a transmite e sim que essa língua materna ou afetiva se mantenha viva na vida e no uso social e que tenha relação com a identidade do falante, o idioma do ambiente familiar.

Apesar dessas ponderações realçando o papel da mãe na aquisição da linguagem, não se deve criar a ilusão de que a língua falada pela criança é única e exatamente a língua que aprendeu da mãe, desconsiderando deste modo qualquer outra fonte de insumo ou *input*, como, por exemplo nas grandes famílias, os inúmeros irmãos e parentes, ou as relações de amizade e de vizinhança, parentes, em maior ou menor grau nas comunidades bilíngues. (ALTENHOFEN, 2002, p.149).

Estabelecer o grau de domínio das habilidades de cada falante torna-se complexo, pois, por exemplo, o grau de domínio no uso de variedade *Talian* se dá na oralidade. E na escrita, normalmente, ocorre no italiano padrão. Portanto, é preciso averiguar em que medida se dá a competência oral deste falante e também a competência de compreensão auditiva destes indivíduos. Ainda necessitamos de muitos estudos, pesquisas e reflexões para averiguar em quais habilidades esses falantes do *Talian* são proficientes, para que o dialeto não desapareça e não seja desprestigiado. Da mesma forma, seria de grande importância que nenhuma família ou aluno seja excluído por não saber a língua prevista pela escola, Estado ou País.

O domínio de uma língua pode ser relativo e variar de falante para falante. Enquanto um falante pode ter um domínio vasto do vocabulário de uma língua, sua competência de fala pode ser baixa, entretanto, pode ser um exímio escritor nesta língua. Portanto, avaliar a língua dominante de um indivíduo bilíngue torna-se complexo devido às variedades linguísticas e a proficiência de cada indivíduo.

4 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA O BILINGUISMO

Oliveira e Altenhofen (2011) apresentam um panorama do tratamento político-linguístico dado ou não dado no Brasil e os diversos modos de como lidar com a diversidade linguística. Mostram a necessidade de definir uma política linguística clara no Brasil de reconhecimento e valorização do plurilinguismo e a diversidade linguística cultural. O Estado é o principal articulador das políticas linguísticas *in vitro*. As políticas linguísticas *in vitro* são propostas configuradas por atributos artificiais, ou seja, são geradas “de fora para dentro do contexto de uso de língua” (Altenhofen, 2011, p.c188-189). Já as políticas linguísticas *in vivo* partem da comunidade de falantes, ou seja, “existe uma planificação linguística dos usuários,

na gestão de sua língua.” (2011, p. 188-189). Segundo Oliveira e Altenhofen (2011, p. 192), no Brasil, a política de “um povo, uma língua” pode ser vista no passado como monolingualizadora que caracteriza sua história e que envolve as políticas repressoras do Marques de Pombal e confirmadas pelo rei D. José I, em 17 de agosto de 1758, em que, no país, se proibiu a língua geral de base tupi e impôs-se como única língua o português. O português falado no Brasil, na época do processo de normatização, ou standardização da língua nacional, foi estabelecido como oficial a partir da variante do Rio de Janeiro, como padrão do português do Brasil, pois pretendiam politicamente a oficialização de uma única língua correta: o Português.

Com a concepção do Estado Novo (1937-1945) e o pós-segunda Guerra Mundial deu-se uma maior repressão às línguas *alóctones*, implementando-se um sistema de nacionalização do ensino que coibiu e puniu o uso das línguas de imigração, principalmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, onde se localizavam na região grande parte dos imigrantes italianos e alemães.

Segundo Oliveira e Altenhofen (2011, p. 206-208), em relação às línguas nas escolas, teve-se a obrigatoriedade no ensino de línguas estrangeiras modernas o Inglês, a partir do 5º ano, conforme a LDB no ensino fundamental e médio e também outras variedades linguísticas, como o Espanhol. Ademais o projeto Escolas Interculturais Bilingües de Fronteira – Intercâmbios das fronteiras entre Brasil e demais países, funcionava como perspectiva intercultural voltadas à formação da nova cidadania ampliada do Mercosul e ao funcionamento bilíngue espanhol e português.

Promover a educação linguística, a tolerância, os direitos linguísticos dos falantes de diferentes comunidades de fala e o plurilinguismo é de extrema importância. Também é fundamental enfatizar o papel de uma política de inclusão plurilíngue como elemento indispensável para a construção de uma democracia cultural voltada aos interesses da população. Salientando-se os aspectos positivos do plurilinguismo na conformação e no desenvolvimento das políticas internas do país.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partimos das leituras dos conceitos teóricos de bilinguismo, da dialetologia pluridimensional e de língua materna, os quais darão suporte para podermos analisar em que medida indivíduos de diferentes gerações de uma família ítalo-brasileira são bilíngues e mantêm o *Talian* nas relações sociais e familiares dos informantes.

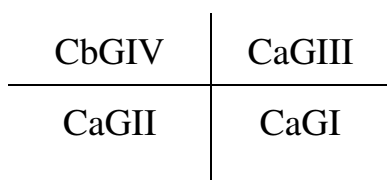
A partir da escolha dos informantes, foram feitos os primeiros contatos e, na sequência, já foram iniciadas as entrevistas com as questões das crenças linguísticas, com aplicação de um questionário metalinguístico; e as atitudes linguísticas, com aplicação de um questionário lexical referente aos termos de parentesco: Sanguíneo, Aliança e Espiritual. As questões foram selecionadas a partir do questionário Pluridimensional do ALCF (Atlas das Línguas em Contato na Fronteira), de Krug (2013). As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise dos dados coletados para poder diagnosticar o uso do dialeto *Talian*, a nível familiar ou comunitário e se ainda se mantém presente nos contatos diários dos informantes.

Os dados da pesquisa foram levantados a partir da dimensão diageracional (faixa etária, gerações) para verificar até que ponto é mantida a língua *Talian* aprendida na imersão da família e passado aos descendentes. Através da análise dessas entrevistas poderemos constatar o grau, a função, a alternância e a interferência no uso da língua italiana no cotidiano dos informantes entrevistados.

Utilizou-se para a entrevista uma conversa livre semi-dirigida, com questões metalinguísticas e lexicais do questionário de Krug (2013), assim como um texto para leitura relacionado ao projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, e a escrita deu-se pela motivação de um fato vivenciado. Os quatro informantes foram organizados a partir das seguintes dimensões previstas pela Dialetologia Puridimensional: a) Diageracional - quatro gerações (CbGIV, CaGIII, CaGII e CaGI), com informantes entre oitenta e sete e dezenove anos; b) Diastrática - considerando a Ca e Cb, a partir do grau de escolaridade dos informantes (no caso do informante da GIV, destacamos que o informante tem o estudo máximo que poderia ser realizado na sua época); c) Diafásica - diferentes estilos de coleta de dados mencionados acima.

As quatro gerações estão representadas na cruz elaborada por Thun (1996). Sendo a mesma opção para apresentar os dados pesquisados através dos quadros: 1. 3. 5. possibilitando a análise de dados que são representados através dos quatro espaços da cruz, mostrando a distribuição das quatro gerações e das dimensões utilizadas na pesquisa.

Esquema em Cruz



Fonte: Thun (1996); Adaptada por SFREDDO (2018).

Segundo a cruz de Thun (1996), a pesquisa está representada em quatro partes, obtendo em cada parte uma geração, partindo das gerações mais velhas para as gerações mais jovens. Na parte superior encontra-se duas gerações, porém na primeira parte o informante da geração CbGIV é uma pessoa idosa e possui classe sociocultural baixa. E o informante CaGIII da segunda geração, classe sociocultural alta. Na parte inferior encontra-se a terceira e a quarta geração CaGII e CaGI, sendo que estas são das gerações mais jovens. Essa maneira de apresentação de dados é exigida pelos atlas que são produzidos a partir da pluridimensionalidade.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme a proposta da Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1996), em cada parte da cruz entrevistou-se um homem, totalizando quatro informantes do sexo masculino. No primeiro momento da entrevista, realizou-se a conversa informal semi-dirigida, sobre a formação e as relações familiares, utilizou-se o *Talian* somente com os informantes da CbGIV e CaGIII, iniciava-se com o *Talian*, mas alternavam com o Pt.-RS, mesmo compreendendo a pergunta. Os informantes da CaGII e CaGI falaram sempre no Pt.-RS. Quanto às questões objetivas, foram organizadas dessa forma para facilitar a análise dos dados

coletados. No entanto, em algumas das questões surgiam outras respostas e opiniões diferentes das alternativas propostas no questionário. Nas gerações mais novas, CaGII e CaGI, foi aplicado somente o questionário em Pt.-RS, pelo fato de os informantes não conhecerem nem entenderem o *Talian* falado pelos seus descendentes, mesmo que a pesquisa devesse ter sido aplicada somente no *Talian* em todas as etapas, segundo a metodologia proposta no trabalho da pesquisa.

Nas questões número vinte cinco e vinte e seis surgiram respostas diferente para “*tosatel/toseta*” “*bambin/putel/tatin e bambina/putela*” para referir-se a filho e filha e também nas questões número quarenta e quatro e quarenta e cinco a resposta “*paron/parona*” esposo e esposa “*omo/fëmena*” para referir-se a marido e mulher. Considera-se esses termos integrado na fala dialetal somente nos informante da primeira geração CbGIV e da segunda geração CaGIII.

Elaboramos um quadro para verificar o número de variantes proferidas de forma espontânea e por insistência em *Talian* e Pt-RS. No quadro estão os resultados das questões a partir do número vinte e dois a sessenta, totalizando quarenta questões aplicadas com os quatro informantes, mas não iremos nos ater nas três últimas questões do questionário.

Quadro 1 – Totais de respostas espontâneas e por insistência na aplicação dos termos de parentesco.

Questão	CbGIV	CaGIII	CaGII	CaGI	Total
Sanguíneo					
Em <i>talian</i>	19	13	0	0	29
Em Pt. RS	6	9	22	22	59
Total	25	22	22	22	91
Aliança					
Em <i>talian</i>	8	3	0	0	8
Em Pt. RS	7	10	12	12	40
Total	15	13	12	12	52
Espiritual					
Em <i>talian</i>	6	2	0	0	8
Em Pt. RS	0	5	6	6	16
Total	6	7	6	6	25

Totais					
Em <i>talian</i>	33	18	0	0	51
Em Pt. RS	13	24	40	40	117
Total geral	46	42	40	40	168

Fonte: KRUG (2013), adaptado por SFREDDO (2018).

Esse quadro apresenta o resultado da descrição das questões vinte dois até a sessenta e um com relação aos termos de parentescos, representadas nos quatro espaços da Cruz de Thun (2005). As respostas mostram a situação do uso do *Talian* na CbGIV, que ainda está presente e sente grande interesse de que sua língua materna se mantenha viva e presente em seus descendentes. Na CaGIII, também ainda se mantém, porém, com menos frequência que na primeira geração, considerando que o informante também destacou a importância e a alegria de continuar com o *Talian* na família. No entanto, na CaGII, percebemos o silêncio total da língua materna, bem como o desinteresse de continuar com a mesma. O informante destaca o interesse pelo inglês, dizendo ser essa língua o carro-chefe para a comunicação em todos os países que visitamos. Ele não vê importância de ensinar o *Talian* na escola já que, onde moramos, se fala só o Português e não se usa mais o *Talian*, porque, segundo ele, pouca gente entende, atualmente, essa língua, sendo que nem a sua mãe fala mais, só alguns tios mais velhos, com os quais tem pouco convívio. Na CaGI, o informante comenta que vivenciou situações com os avós maternos e alguns amigos falando em *Talian*. Ele diz que gosta de escutar o jeito que eles falam com a família e com os outros colegas da pensão. Acha bonito, mas não entende quase nada e também afirma que deveria sim ser ensinado nas escolas, porque seria uma opção a mais para comunicar-se com as pessoas, porque na nossa região ainda convivem muitos descendentes de italianos. Assim, poderia abrir outras opções de vida e trabalho, tem desejo de visitar a Itália e estudar por lá no futuro.

Quadro 2 – Questões sobre crenças linguísticas (1 a 7) que exigiram respostas individuais e objetivas: *Talian* ou Pt-RS.

#	Pergunta
1	Que língua costuma falar na família?
2	Em que língua gosta de conversar mais?
3	De modo geral, em que língua costuma falar mais?
4	Qual é sua língua materna?
5	Quando vem visita, que língua prefere usar?
6	Que línguas você fale nas seguintes ocasiões em seu município?

6.1	No correio
6.2	No mercado e nas lojas
6.3	No sindicato
6.4	No restaurante
6.5	Na prefeitura
6.6	No posto de saúde
6.7	No confessionário
6.8	No posto de gasolina
6.9	No trabalho
7	Quando você encontra um estranho na sua cidade, em que língua você fala com ele?

Fonte: KRUG (2013), adaptado por SFREDDO (2018).

Quadro 3 – Resultados individuais de questões objetivas (1 a 7) sobre crenças linguísticas.

#	CbGIV	CaGIII	CaGII	CaGI
1	●	○	○	○
2	●	○	○	○
3	○	○	○	○
4	●	○	○	○
5	●	●	○	○
6.1	○	○	○	○
6.2	○	●	○	○
6.3	○	○	○	○
6.4	●	○	○	○
6.5	○	○	○	○
6.6	○	○	○	○
6.7	○	○	○	○
6.8	○	○	○	○
6.9	●	○	○	○
7	○	○	○	○

Legenda

● – *Talian*
○ – Pt.-RS
● – *Talian* e Pt-RS

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro número três é possível observar que só na questão quatro a CbGIV respondeu que sua língua materna foi o *Talian*. Também teve nove respostas só no Pt-RS e cinco respostas em ambas as línguas *Talian* e Pt-RS. Na CaGIII respondeu *Talian* na questão seis ponto um no mercado e nas lojas quando se encontra com amigos e conhecidos pra brincar e treze respostas só no Pt-RS e uma só resposta em ambas as línguas *Talian* e Pt-RS. Nas CaGII e CaGI todas as respostas foram unânimes no Pt-RS.

Quadro 4 – Questões sobre crenças linguísticas (8 a 13) que exigiram respostas objetivas: Sim ou Não.

#	Pergunta
8	Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a língua de casa, a língua italiana, mas insistia em só falar português?
9	Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana no país? Por quê?
10	Existem situações em que você/as pessoas tem vergonha de falar <i>Talian</i> ?
11	Acha que deveria ter ensino de <i>Talian</i> ?
12	Quando fala Pt-RS, você mistura com <i>Talian</i> ?
13	Quando fala em, <i>Talian</i> você mistura com português?

Fonte: KRUG (2013), adaptado por SFREDDO (2018).

Quadro 5 – Resultados individuais de questões objetivas (8 a 13) sobre crenças linguísticas.

#	CbGIV	CaGIII	CaGII	CaGI
8	○	○	○	●
9	●	●	●	●
10	○	○	○	○
11	●	●	○	●
12	●	○	○	○
13	●	●	●	○

Legenda

● – Sim

○ – Não

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro cinco, sobre as crenças linguísticas com respostas objetivas sim ou não, a CbGIV respondeu quatro vezes sim e duas vezes não. A CaGIII respondeu três vezes sim e três vezes não. A CaGII respondeu duas vezes sim e quatro vezes não e a CaGI respondeu três vezes sim e três vezes não.

6.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS INDIVIDUAIS DO QUESTIONÁRIO DE CRENÇAS LINGUÍSTICAS - COM RESPOSTAS SUBJETIVAS

A partir daqui descreveremos a análise das questões subjetivas referentes às crenças linguísticas, considerando apenas as questões de número 15,16, 17,18 e 20 do ALCF de Krug (2013), sendo que as demais foram desconsideradas, por não serem impactante no decorrer da pesquisa, e não obtinham informações precisas com relação ao objetivo proposto no trabalho.

Tratando-se dos jovens que não falam mais a língua dos pais (Italiano), a geração CbGIV afirma que “*Pertanti voldir nhanca niente. Importanti saria de continuar le due*

lengue, taliana e brasiliana.”⁴. Na CaGIII “Ah! Deveria se falar porque se teve una otra opção, una outra oportunidade de manter las tradiciones, la cultura.”. Na geração CbGIV podemos observar que não houve nenhuma alternância e interferência em sua fala, expressando-se somente com a língua materna, já que a interferência não é a mesma em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Podemos observar na geração CaGIII que houve alternância e interferência entre o *Pt-RS* e o *Talian*, utilizando recursos de sua língua materna para tentar elaborar a resposta no dialeto. Na CaGII “Eu acho que acaba sendo algo natural porque as pessoas com quem os filhos se relacionam também não falam mais italiano, então acaba sendo algo natural. Eu acho que é algo natural às pessoas deixarem de falar.”. Na CaGI “Eu acho um pouco ruim porque eu gostaria de aprender uma língua que meus avós, meus antepassados falaram, mas eu não sei, daí é um pouco ruim.”. Nas duas últimas gerações é possível perceber que novamente reproduzem a fala no *Pt-RS*, deixando de lado o *Talian*. Na primeira resposta, o informante deixa claro que é natural não saber e aprender o *Talian*, já que, no meio em que está inserido socialmente, não falam a língua. No entanto, o último informante, declara que gostaria de aprender a língua que seus avós falavam e que não sabe o dialeto. Assim, observamos que mesmo tendo opinião a favor do aprendizado do dialeto ele não busca maneiras para que possa aprender.

Em relação às situações de uso da língua italiana e da língua portuguesa, a geração CbGIV aponta que,

*In tutti posti quasi se parla talian. Come la per Rio Grande, come la gá de pi la moda taliana de parlar è bem mais doperada la lengua italiana, la onde che mi son nascesto por exemplo parla bem de pi talian. Qua, se parla de pi brasilian. Lá em Alfredo Chave, se parla quase tutto talian. Quando semo vegnesti pra Santa Catarina era de pi brasiliani que usea la lengua brasiliana allora abbiamo muda de pi anca noantri. Portoghese, ma que sapia mi no. Qua tutti posti parlan brasilian.*⁵

⁴ Para tantos não quer dizer nada. Importante seria de continuar as duas línguas a italiana e brasileira.

⁵ Em quase todos os lugares se fala o *talian*. Como lá no Rio grande do Sul, tem mais o costume é bem mais usada a língua italiana, lá onde eu nasci por exemplo fala mais o *talian*. Aqui se fala mais o brasileiro. Lá em Alfredo Chaves se falava quase tudo em italiano. Quando viemos para Santa Catarina era mais o brasileiro, se usava mais a língua brasileira, então tivemos que mudar, também nós. Português, eu não sei dizer. Aqui todos falam brasileiro

Na geração CaGIII “*Ah! Sol tele feste noantri parliamo quando si encontra con quei pi veci te go dito benque. Com portoghese, sempre. Tutti di.*”⁶. Nesta questão, percebemos que os informantes das duas gerações não fazem alternância e interferência, usam somente a língua materna para responder com muita facilidade. Apenas a geração CbGIV diz que fala o *Talian* em todos os lugares, mas afirma que aqui se fala mais o brasileiro. A geração CaGIII diz que fala só nas festas, quando se encontra com os mais velhos. Nas gerações CaGII “Nunca” e CaGI “A língua italiana eu não falo, mas a portuguesa é no dia a dia.” Percebemos que o *Talian* não faz falta nas relações de convívio familiar e social, sendo utilizado completamente o Pt-RS.

Sobre a diferença entre o italiano falado em outras localidades e o da comunidade do falante, a geração CbGIV fala que “*Genè diferenza. O dialeto é diferente un poco e anca tante cosi me par che se sente meio parlar.*”⁷ Nesta questão, também o informante mostra o domínio da sua língua materna e diz que o dialeto é um pouco diferente, em muitas coisas parece mais bonito de escutar e falar no italiano. Na geração CaGIII “*No. En qual i lugar que mi vao, é estes*”⁸. O informante respondeu no dialeto, mas diz que não tem diferença e nos lugares que vai é tudo igual. Na geração CaGII “Sim. Porque acredito que na língua de casa, tem muito dialeto já. Se a gente for falar italiano com pessoas da Itália, vai ser um pouco diferente, já”. Respondeu no Pt-RS e diz que tem diferença sim, porque na língua de casa, “materna”, tem muito dialeto e se a gente for pra Itália é um pouco diferente, o “padrão”. Na geração CaGI “Sim, tem diferença, mais nas pronúncias e o que cada palavra significa.” Respondeu no Pt-RS, diz que tem diferença na fonética, ou seja, nas pronúncias e no semântico, no significado de cada palavra.

Com respeito ao uso da língua italiana na escola e na igreja, o informante da geração CbGIV diz que “*Sempre en brasilian. Anche nela escola no é muito apreciado la lengua*

⁶ Ah! Só nas festas nós falamos quando nos encontramos com aqueles mais velhos eu já te disse. Com português, sempre. Todos os dias.

⁷ Tem diferença. O dialeto é diferente um pouco e também em tantas coisas, me parece que se escuta melhor falar.

⁸ Não. Em qualquer lugar que vou é este.

italiana. Quanto ao motivo, no so dire. Se é un pouco a lei brasilian che não permite.”⁹ Fez o uso da língua materna e diz que fala-se sempre no brasileiro e na escola não é muito apreciada ou falada a língua italiana. O motivo não sabe dizer, pensa que é a lei que só permite o brasileiro. Na geração CaGIII “*No se parla.*”¹⁰, usou o *Talian* para responder, dizendo que não se fala mais nas escolas e na igreja a língua italiana. Na geração CaGII “*Não. Já não se falava mais o Italiano na escola. Já foi passado para o português*”. Respondeu em português e diz que já foi o *Talian*, agora é só o Pt-RS nas escolas. Na geração CaGI “*Bem pouco difundida.*”

Em relação a sentir-se mais italiano ou brasileiro, a geração CbGIV manifesta que

Eu me sinto mais na minha origem brasilian. Si, perche so nascesto in Brasil, mas a lengua materna venista de la origem taliana, coi me noni, che son venuti di Italia 1889, 1890, por ali. Me nono é venisto un poco primo. Successo che dopo per causo dei governi che governava o Brasil ga proibiu la lengua taliana allora inte la scola é vegnesto la lei che tocheva parlar brasilian e no se savea mia gínera brasiliani che vegnea in scola insieme che savea parlar brasilian. Allora, i ga ridesto drio. A genti allora mea tocar de bisogno de la lengua de lori. Olha, la professoreta não tenho tanta mais recordação mas ela sabia um poco e aí ela começou também mudar a língua. Perche se savea che parlea italian i mettea in preson la gente che parlea talian. Me par che era el governo de Getúlio Vargas, do Rio Grande do Sul. Havia uma desconfiança che é vegnesto tanta genti italiana e voleva tomar conta del Brasil de paura de far una revolta contra lori. Che mi son sta savendo, che é por causa dessa causa, si.¹¹

Na geração CbGIV, o informante faz alternância e interferência com o Pt-RS, quando diz que se sente mais na origem brasileira porque nasceu no Brasil, mas a língua veio da origem taliana. Relata que “a língua materna veio com os seus nonos que vieram da Itália, entre os anos 1889 e 1890. Depois devido ao governo da época proibiram a língua *Talian* na

⁹ Sempre em brasileiro. Também na escola não é muito apreciado a língua italiana. Quanto a motivo, não sei. Se é um pouco a lei brasileira que não permite.

¹⁰ Não se fala.

¹¹ Eu me sinto mais na minha origem brasileira. Sim, porque eu nasci no Brasil, mas a língua veio da origem italiana, com meus nonos, que vieram da Itália entre os anos 1889, 1890, por ali. Meu nono veio um pouco primeiro. Aconteceu que depois por causa do governo que governava o Brasil, proibiram a língua italiana, então na escola chegou a lei que precisava falar só o brasileiro e não se sabia o porquê, mas tinha brasileiros que vinham na escola juntos que sabiam falar brasileiro, então eles riam de nós. Nós precisávamos da língua deles. Da professorinha não tenho mais recordação, mas ela sabia um pouco e aí ela começou também a mudar a língua. Porque se sabia que falavam talian colocavam as pessoas na cadeia. Parece-me que era o governo de Getúlio Vargas do Rio grande do Sul, tinham uma desconfiança porque tinham vindo muita gente italiana e queriam tomar conta do Brasil, tinham medo que fizessem uma revolta contra o eles. O que eu sei é que foi por causa disso, que ocorreu a substituição da língua.

escola, surgiu a lei que só poderiam falar o Pt-RS nas escolas, porém eles não sabiam. Então os alunos italianos deveriam aprender a língua e nem mesmo a professora sabia falar o Pt-RS, tendo que aprender e ensinar junto aos alunos uso da língua. Segundo o informante, acredita-se que na época o governo de Getúlio Vargas, desconfiava e tinha medo que os italianos tomassem conta do Brasil ou que provocassem uma revolta contra eles, o informante acredita que esse foi o motivo da obrigatoriedade da língua Pt-RS.

Na geração CaGIII: “*Me sinto Brazilian. Nascesto qua se vive numa região onde não se tem mais la cultura, il habito*”¹². O informante respondeu com clareza no dialeto, dizendo que se sente brasileiro porque nasceu aqui e vive em uma região onde não tem mais o hábito e a cultura de falar no *Talian*. Nas gerações CaGII “Eu acho que hoje já é mais brasileiro, mas ainda tem o italiano sim. Mas eu tô mais para brasileiro, mesmo”. CaGI: “Brasileiro”. Os informantes já se sentem brasileiros.

6.2 DESCRIÇÃO DA ANÁLISE DA LEITURA DOS TEXTOS PORTUGUÊS, *TALIAN* E ITALIANO E ESCRITA DOS TEXTOS EM *TALIAN*

O estilo que apresentou a forma mais controlada da entrevista foi a leitura, tendo como objetivo perceber se os informantes sabem ler. Foram oferecidos aos informantes textos previamente selecionados e pediu-se que realizassem a leitura, que foi realizada ao final da entrevista. Utilizamos um texto na língua portuguesa; Italiano e *Talian*, com os termos de parentesco enfatizados no estudo. O objetivo foi o de apresentar ao informante o texto em *Talian*. (variedade *Talian* local) e outro na variedade italiano oficial, para analisar qual texto o informante conseguiria ler com maior fluência. O primeiro texto a ser lido foi em Pt-RS nas duas primeiras gerações, tendo em vista que nas duas últimas gerações os informantes não leram o texto, porque não desenvolveram nenhuma habilidade quanto a leitura e escrita do *Talian*. Assim, na leitura do texto em português, percebeu-se que os dois informantes das gerações CbGIV e CaGIII que conseguiram ler com facilidade, interpretar e compreender o conteúdo, falaram que se tratava de uma reunião para os preparativos da festa de casamento, onde estavam reunidos os noivos e as duas famílias.

¹²Me sinto brasileiro, porque nasci aqui, e se vive em uma região onde não tem mais a cultura nem o hábito.

No entanto, quando passamos para a leitura do texto em italiano, percebemos dificuldades na pronúncia, dificultando mais a compreensão do significado das palavras. Quanto ao informante CbGIV, podemos considerar que sua leitura ocorreu com mais fluência, mas num ritmo devagar, fazendo o uso alternado do Pt-RS nas palavras escritas com o fonema /c/ “*dice*/disse *celebrante*/celebrante”, porém ele sabia o significado das mesmas. Também fez o uso alternado do *Talian*, leu e traduziu rapidamente as palavras “*lontano*/distante, *sposati*/maridati, *generol*/genro” demonstrando ter habilidade na mudança de códigos, sendo uma característica de um indivíduo bilíngue. Entendeu a mensagem do texto dentro do contexto geral e, ao finalizar a leitura, expressou-se com um relato sobre a língua materna no momento em que visitou os parentes na Itália, dizendo que falavam diferente deles, mas conseguia entender tudo e não teve dificuldade em comunicar-se com eles.

Já o informante CaGIII, manifestou que tentaria ler o texto, afirmando nunca ter tido contato com a língua Italiana escrita, achou difícil e bem diferente do *Talian*, mostrou não ter quase nada de domínio na variedade padrão.

Finalizamos a leitura com o texto em *Talian*, os dois informantes disponibilizaram-se a ler e ficaram gratos por estarem participando da pesquisa. A primeira geração CbGIV leu com precisão e fluência, demonstrando satisfação, alegria e compreensão do conteúdo expresso no texto, dizendo que era assim o costume daquela época. Apenas expressou dificuldade em ler duas palavras “*gioveni* e *viaiá*”, mas compreendeu o significado de cada uma delas. O interessante foi na palavra “*fradèi*” fez uma tradução e leu “*fratelli*” em que possuem o mesmo significado, lendo com proficiência na língua materna sem dificuldades. Percebeu-se claramente o domínio da variedade na leitura, na fala e na comunicação do informante, pois em seguida começou a relatar fatos vivenciados na família do tempo da guerra de 45. Seus pais já tinham nove filhos e o governo anunciava que os homens da classe de vinte e nove tinham que ficar em prontidão, pois poderiam ser chamados para servir a Pátria. A mãe chorava e dizia: “*Femo che con tutti questi tosatèi se pupà va in la guerra? non torna pi*”¹³. Mas, enfim, não houve necessidade de servir, pois a guerra logo chegou ao final.

A segunda geração, CaGIII, conseguiu ler melhor no dialeto do que na variedade padrão, com a qual nunca teve contato antes. No *Talian*, facilitou porque aprendeu a língua

¹³ O que vamos fazer com todos esses filhos se teu pai vai na guerra? Não volta mais.

materna ouvindo os pais falarem, mas não estudou, pois já estava imerso na variedade do Pt-RS e tinha que seguir as exigências das normas governamentais da época. Assim, aprendeu o *Talian* só na imersão do convívio familiar e social com os vizinhos e conseguiu fazer uma leitura intermediária. Tem compreensão geral do conteúdo do texto e fala pouco a língua materna dos pais.

Como podemos verificar é provável que, com o tempo, deixe de falar o dialeto, não dando continuidade nas próximas gerações, pois se casou com uma pessoa de origem alemã e já não fala mais no convívio familiar essa variedade dialetal. Assim, foi possível observar que o *Talian* é passado somente pela oralidade de geração em geração e no momento em que não se faz presente na comunicação familiar, vai desaparecendo nas gerações futuras.

Quanto à escrita, os dois informantes das gerações mais jovens CaGII e CaGI não quiseram tentar escrever, dizendo que não sabiam e não seriam capazes de escrever no *Talian*. Então podemos inferir que a competência dos informantes em relação à escrita na língua *Talian* é muito limitada e somente os dois informantes das gerações mais velhas, CbGIV e CaGIII, aceitaram a proposta de escrever algo em *Talian*, justificando-se que tentariam, mas que nunca tinham aprendido a escrever e a língua era transmitida apenas oralmente nos contatos diários, relatando que depois que os informantes aprenderam o Pt-RS não usavam mais o dialeto, pois eram coibidos pelas políticas linguísticas da época do Estado Novo, de Getúlio Vargas a mudar de língua, como podemos ver em Altenhofen (2004). O governo temia a chegada em grande massa dos imigrantes alemães e italianos e que se rebelassem e começassem as guerras também no Brasil. Essa era a maneira de controlá-los, dificultando a comunicação entre eles. Assim, reprimidos, foram ocultando o uso da língua minoritária e substituindo pelo Pt-RS, por não encontrarem suporte para a continuidade da língua materna, o *Talian*.

Após a conversa informal propusemos que escrevesse algo sobre sua vida. Dessa maneira, podemos observar e transcrever o texto escrito na geração CbGIV:

Amicoi gé el giorno 04 de dicembro de 2017, qua intela chita de Chapeço incieme com a mia fameia. Mi go passa la me vita laorando sempre intela rossa, piantava sempre milio, fazoi e mandioca, mi criava pôrqui, vaque, e galine pra el sustento de la fameia. Lestato um tempo muito bom e adeço romai são aposentado são drio

*fermarme de laovar, porque só tenho 3 galinha para tender 2 Passarinho e a Paulina que la zé malada a tanto tempo e no la leva pio sú del leto.*¹⁴

E na CaGIII,

*Se parlea talian, ma nhanca una volta gavemos escrivesto, perche no se insegnava escrever talian te la scola. Allora non ho mai escrivesto Talian, no gó noção do que esta correto. Quando era cheo, nuanre se fea tutti nostre brinquedos, no guinera quei compande ancoi. Se laorea em te la roça desde chéi e andea em te la escola de pie descalços, se pisea na geada de pie sença nhente. Ancoi gavemo massa roba e sempre estemo descontentos. Mi son contento com la mia trajetória a que soi vinisto. Gavemo saído de la roça e gó vinisto enñin quá, Formato em odontologia. Gracias.*¹⁵

Vimos por meio da escrita e da leitura que os informantes das duas primeiras gerações mais velhas demonstram habilidades na escrita e na leitura do *Talian* e do italiano conforme os textos escritos partindo de um relato de experiência. No entanto, as duas últimas gerações não se propuseram em ler e escrever porque não possuem habilidades e não tiveram contato com a leitura e a escrita no *Talian*, somente com a oralidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, pode-se ressaltar que os informantes das duas primeiras gerações mais velhas, possuem consciência da importância da manutenção da língua italiana. No entanto, um dos informantes da última geração, ressalta que para ele o uso do inglês é mais importante em suas relações profissionais do que o uso do *Talian*. Ademais, a aquisição da variedade Pt-RS, mostra que o contato entre as famílias ítalo-brasileiras está se perdendo, pois, os pais estão deixando de ensinar a variedade minoritária a seus filhos. Os dados da pesquisa comprovam que nas gerações mais jovens ocorrem casualmente o uso oral dessa

¹⁴Pra mim hoje é dia 4 de dezembro, aqui na cidade de Chapecó junto com minha família. Passei minha vida, trabalhando sempre na roça, plantando milho, feijão e mandioca. Eu criava porco, vaca, galinha para o sustento da família, foi um tempo muito bom. Agora estou aposentado, estou parando de trabalhar, porque só tenho três galinhas pra cuidar, dois passarinhos e a Paulina que está doente na cama e não levanta há muito tempo.

¹⁵Falava-se *talian*, mas nem uma vez nós escrevemos, porque não se ensinava escrever Talian na escola só em português. Então eu nunca escrevi *Talian*, não tenho noção do que está correto. Quando eu era pequeno, nós fazíamos todos os nossos brinquedos, não tinha aqueles como tem hoje. Trabalhava-se na roça desde pequenos e íamos à escola de pés descalços, nós pisávamos na geada sem nada nos pés. Hoje temos muitas coisas e sempre estamos descontentes. Mas eu estou contente com a minha trajetória de onde eu vim. Saí da roça e cheguei até aqui e me formei em odontologia. Obrigado!

variedade linguística, mantendo-se o *Talian* apenas nas duas gerações mais velhas nas quatro habilidades.

Deste modo, percebemos que vários fatores influenciam no desaparecimento da língua materna como a pressão das políticas linguísticas e governamentais, mudanças sociais e culturais, interferência e preferência por outras línguas, urbanização, religião e os diversos relacionamentos, que influenciaram para utilizar a língua de domínio, Pt-RS. Assim, nas duas últimas gerações temos destacado pelos informantes das gerações CaGII e CaGI que é natural falar o Pt-RS porque todos já falam essa língua de domínio.

Porém, alguns dados nos apontam que tendo como língua materna o *Talian* e Chapecó sendo colonizada por uma grande parte de italianos, a comunidade se torna homogênea em relação ao uso das duas línguas. No entanto, quando a geração CbGIV for diminuindo, o uso do *Talian* se perderá com as novas gerações que estão surgindo. A geração CaGIII aprendeu o Pt-RS na escola, caracterizando então o *Talian* como uma língua de convívio familiar. Este aspecto contribuiu para a manutenção do dialeto, como também para a formação de identidade linguística deste informante, mesmo que ao longo do tempo o Pt-RS acabe interferindo em sua fala, causando alternâncias.

Desta forma, com a pesquisa e análise dos dados vinculadas ao nosso referencial teórico, podemos afirmar que os objetivos propostos no início deste trabalho foram alcançados, analisando as dimensões diageracional, diastrática e diafásica, viabilizando, assim, a construção de uma percepção dos indivíduos no uso do dialeto no oeste de SC. Para tanto, podemos afirmar que as mudanças de geração à geração são grandes e que o desejo de manutenção da língua ocorre na quarta, na segunda e na primeira geração, principalmente na geração CbIV, já que caracteriza a comunidade linguística inteira daquela época. E na terceira geração não há interesse na continuidade do *Talian* e sim outra língua, o inglês por ser falado mundialmente em suas relações profissionais.

Observamos também, com base na aplicação dos termos de parentesco na fala de pai, filho, neto e bisneto, o comportamento linguístico na prática do dia a dia dos informantes e o fato de que a manutenção da língua *Talian* está se perdendo ao longo do tempo e a substituição do *Talian* pela língua portuguesa está cada vez mais frequente. Podemos observar, também, que o *Talian* é mantido e aprendido na imersão da família e passado aos

descendentes até a CaGIII. Além disso, percebe-se, também, que o uso do *Talian* é mais frequente na geração CbGIV nas habilidades de leitura, fala, compreensão e escrita. Na geração CaGIII prevalece as habilidades de leitura, escrita e pouca desenvoltura na fala e compreensão. A geração CaGII não tem interesse na continuidade do *Talian*, dizendo que não serve para nada em seus relacionamentos profissionais porque ninguém usa, mesmo tendo pouca habilidade de ouvir e compreender, dando preferência para o inglês. Falou das vagas lembranças vividas na infância, quando seus avós moravam perto e falavam o *Talian* com seus pais, expressou-se rindo “ainda entendo quando alguém faz brincadeira e conta piadas”. A geração CaGI ressaltou que gostaria de aprender para manter a tradição dos avós e a cultura das gerações, demonstrando somente habilidades de ouvir e compreender. Expressou-se dizendo que gosta muito de escutar os avós e os amigos da faculdade falarem.

Neste estudo de caso, segundo o teórico Mackey (1972), para ser bilíngue basta ter conhecimento em uma das habilidades e saber usá-la no meio em que vive. Então são considerados bilíngues os quatro informantes no uso do *Talian* em algumas das habilidades em grau, função, alternância e interferência, mesmo possuindo tendência à substituição por completo do *Talian* pelo Pt. –RS. Qualitativamente levamos em consideração que há muito do *Talian* em sua fala e sua identidade, já que entendemos que a língua é parte da identidade do indivíduo. Sendo assim, a língua deve ser mantida, preservada e re(conhecida), para que não silencie e desapareça com o tempo e permaneça nas lembranças remotas como tantas outras já em memória.

Resumen

En este trabajo analizamos el uso del *talian* a partir de cuatro generaciones de una familia ítalo-brasileña, en el Oeste de Santa Catarina (SC): situación de contacto lingüístico. Utilizamos como base los siguientes estudiosos y teóricos Mackey (1972), Thun (1996) (2005) Altenhofen (2002) (2004), Campos (2006), Horst e Krug (2012). Krug (2013), Krug, Horst e Wepik (2016) Wolschick (2016) Wepik (2016). Esta investigación es de gran importancia para desconstruir los discursos preconcebidos vinculados al uso del *talian*, siendo vistos muchas veces como una lengua minoritaria y debido a ese prejuicio lingüístico la lengua desgraciadamente está siendo silenciada poco a poco principalmente en las dos últimas generaciones. De esta forma, nuestro objetivo es inferir el nivel de bilingüismo con base en el grado, función, alternancia e interferencia del uso de *talian* en contacto con

el portugués en el cotidiano de los informantes entrevistados y si él está siendo usado en el contexto familiar o también en el contexto social. Para la realización de este trabajo en la ciudad de Chapecó, ubicada en el oeste de SC, utilizaremos los datos del proyecto ALCF. De esta forma, en primer lugar, se hará la descripción de los datos con base en las dimensiones Diageracional: (entre las generaciones nuevas y viejas). Díastráctica: (entre personas con más escolaridad y menos). Diafásica: (lectura, conversaciones libres, respuestas). El análisis realizado nos muestra grandes diferencias en las relaciones entre las generaciones vinculadas al grado del bilingüismo y la alternancia que existe en las dos primeras generaciones, no manifestándose en las dos últimas y debido a los factores políticos y sociales la lengua materna de los individuos de las dos últimas generaciones está siendo sustituida por la lengua portuguesa.

Palabras-clave: Bilingüismo. Diversidad. Contacto portugués rio-grandense - talian. Dimensión diageracional.

Sommario

Questo estudio analizza l'uso di talian sulla base di quattro generazioni di una famiglia italiana-brasiliana nella zona ovest di Santa Catarina (SC): situazione di contatto linguistico. La base degli seguenti studiosi e teorici Mackey (1972), Thun (1996) (2005) Altenhofen (2002) (2004), Campos (2006), Horst e Krug (2012). Krug (2013), Krug, Horst e Wepik (2016) Wolschick (2016) Wepik (2016). Questa ricerca è di grande importanza per deconstruire i discorsi pregiudizi legati all'uso del taliano, spesso vista come una lingua peggiorativa, a causa di questo pregiudizio linguistico, la lingua è purtroppo messo a tacere gradualmente, soprattutto nelle giovani generazioni. Così, il nostro obiettivo è quello di dedurre il livello di bilinguismo degli individui di una famiglia-brasiliana di diverse generazioni, in base al grado, la funzione, la comunicazione e il l'uso di interferenza taliano contatto portoghese. Per questo lavoro, nella città di Chapecó, che si trova in Ovest di Santa Catarina(SC), useremo i dati del progetto ALCF. Pertanto, in primo luogo sarà fatto la descrizione dei dati basati sulle dimensioni diagenetico (tra le nove e vecchie generazioni), diafàsica (letture, conversazioni libere, risposte). L'analisi mostra grandi differenze nei rapporti tra generazioni legate al grado di bilinguismo e l'alternanza esistente nelle prime due generazioni, non si manifesta negli ultimi due. A causa di fattori politici e sociali, la lingua madre degli individui delle ultime due generazioni è stata sostituita dalla lingua portoghese.

Parole-chiave: Bilinguismo. Diversità. Contatto portoghese rio-grandense – talian. Dimensione diagenetico.

REFERÊNCIAS

- ALTHENHOFEN, Cléo Vilson. **O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão – português)**. In. Martins-Stadenjahrbuch. São Paulo: n. 49, 2002. P.141-161.
- ALTENHOFEN, Cléo V. **Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil**. Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI) Frankfurt. M., V. 3, n. 1, p. 83-93, 2004.
- CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil**. 2006. 348 f. Tese (Doutorado) - Curso de Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2006.
- HORST, Cristiane. **“Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa” – A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil**. Tese de doutorado. Kiel, Westensee – Verl. 2011 [Zug: Kiel, Unv. Diss., 2011].
- KLEIN, Daniele; HORST, Cristiane. **A percepção do indivíduo bilíngue hunsriqueano-português sul-riograndense em relação ao seu bilinguismo no oeste de Santa Catarina**. SOCIODIALETO, v. 6, p. 29-68, 2016.
- KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. Direitos reservados: FAPERGS/UFRGS, 2013. p.01-13.
- MACKEY, William F. **The description of bilingualism**. In: FISHMAN, Joshua A. Leading in the sociology of language. 3ª ed. The Hague: Mouton, 1972. P. 554-584.
- OLIVEIRA, Gilvan Muller de; ALTENHOFEN, Cléo V. **O *in vitro* e o *in vivo* na política da diversidade linguística do Brasil**. Inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cleo V. RASO, Tommaso. (orgs). Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2011. P. 187-216.
- PADILHA, Simone (coord.). **Manual de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal da Fronteira Sul**. 2 ed. Chapecó, 2015, 142 f.
- THUN, Harald. **Movilidad demográfica y dimensión topodinámica**. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [Orgs.]. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: WestenseeVerl., 1996. p. 210-269.
- THUN, Harald. **A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata**. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org). Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

WEPIK, F. Fernanda; HORST, Cristiane. **Crenças e atitudes linguísticas a partir dos termos de parentesco por polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC.** In: II Seminário Nacional de Pesquisa em Educação (II SENPE): Conexões e Diálogos com a Pós-graduação, Chapecó: Pedro e João Editores, v. 1, 2016, p. 432-446.

WOLSCHICK, Isaura. **Aspectos do Bilinguismo Alemão-Português nas comunidades de Mondai e São João do Oeste –SC.** Universidade Federal da Fronteira Sul. Dissertação de Mestrado, 134 f. 2016.